

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES - IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

CLEONILDES AQUINO DA COSTA

FESTA JUNINA: SÍNTESE DE UMA MISTURA CULTURAL

**SENA MADUREIRA
2012**

CLEONILDES AQUINO DA COSTA

FESTA JUNINA: SÍNTESE DE UMA MISTURA CULTURAL

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Ms. Iara Carneiro Tabosa Pena

Tutora Orientadora: Prof^a. Es. Rosane Fátima Schwanka

**SENA MADUREIRA
2012**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido meu guia durante a conclusão desse curso, minha família, especialmente ao meu esposo e filho, por terem sido tão compreensíveis nesta etapa tão difícil, por terem me apoiado quando mais precisei e por estarem sempre ao meu lado quando achei que não fosse conseguir. Agradeço de todo coração as minhas amigas e companheiras de jornada, por terem sido parceiras, confidentes, conselheiras, por terem me divertido nos momentos de tristeza, por me colocarem pra cima quando o desanimo me abatia, por terem dividido comigo minhas angustias e frustrações, enfim, por estarem sempre ao meu lado durante todos estes anos de árdua caminhada. Amigas queridas que levarei para a vida inteira: Isangela Costa, Deijanira Rocha e Socorro Pinheiro. Agradeço também a tutora Vânia Líbio por ter contribuído positivamente em meu processo de aprendizagem e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada.

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar a Festa Junina como tradição da cultura local e síntese de vários elementos de outras culturas que se fundiram ao longo do tempo, a partir da colonização do Brasil, por meio da miscigenação refletindo até hoje seus efeitos nos costumes e hábitos culturais locais. Analisaremos quais elementos inerentes ao contexto da Festa Junina podem representar a identidade cultural local e como eles ajudam a contar a história do povo brasileiro. Por querer conhecer como a geração atual percebe a tradição da Festa Junina em sua realidade, a metodologia adotada é o trabalho de expressão através da arte, utilizando a técnica da *Assemblage*, como suporte. O trabalho será desenvolvido com uma turma de 1º ano do Ensino Médio da Escola Dom Júlio Mattiole e buscará retratar através da arte o pensamento do aluno em relação à festividade junina e como esta se insere em seu cotidiano, como o aluno percebe os simbolismos contidos no cenário da Festa Junina e de que forma é influenciado por eles.

Palavras-chave: Festa Junina, Tradição e Cultura.

LISTA DE FOTOS

| | |
|---|-----------|
| Foto 1 - Festa Junina | 16 |
| Foto 2 - O Arraial | 18 |
| Foto 3 - Quadrilha..... | 19 |
| Foto 4 - Fogueira | 20 |
| Foto 5 - Bandeirinhas..... | 22 |
| Foto 6 - Fogos e Balões | 22 |
| Foto 7 - Casamento Caipira | 23 |
| Foto 8 - Culinária | 24 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| JUSTIFICATIVA..... | 9 |
| REFERENCIAL TEÓRICO..... | 12 |
| 1. FESTA JUNINA: MULTICULTURALISMO | 16 |
| 1.1. Um Breve Histórico | 16 |
| 1.2. Influências, Símbolos e Significados..... | 18 |
| 1.3. Dança da Quadrilha: uma pitada da tradição francesa | 19 |
| 1.4. As Fogueiras | 20 |
| 1.5. Fogos, Bandeiras e Balões | 21 |
| 1.6. Casamento na Roça | 22 |
| 1.7. Culinária | 23 |
| 2. METODOLOGIA | 26 |
| 3. ANÁLISE DOS DADOS..... | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| REFERÊNCIAS..... | 31 |
| ANEXOS | 32 |

INTRODUÇÃO

A Festa Junina trata-se de uma celebração brasileira, porém de origem européia, que durante a Idade Média foi cristianizada como Festa de São João, por se tratar de um evento religioso que exalta os santos católicos de Portugal. Trazida para o Brasil no período colonial, a festa ganhou outras interpretações, desprendendo-se do sentido religioso e assumindo uma ligação maior com a terra e com as origens brasileiras.

Pesquisar sobre a Festa Junina e a identidade cultural de minha região foi algo que me despertou o interesse durante o processo de construção de um projeto que visa unir a história e a arte em uma mesma abordagem.

Trabalhando com este tema, percebi que a identidade acriana é composta de vários elementos de culturas distintas que se fundiram ao longo da história, através dos sujeitos de outros lugares do país e até mesmo de outros países, (gaúchos, cariocas, baianos, cearenses e europeus) que trouxeram consigo seus costumes, seus hábitos alimentares, vestimentas, linguagens, crenças, danças e etc., formando um novo conceito de identidade e transformando a Festa Junina do Acre numa verdadeira diversidade cultural do povo brasileiro.

A característica principal que observei durante meus estudos é que as Festas Juninas podem ser consideradas elemento síntese de toda essa mistura cultural, devido a esta grande diversidade de culturas e raças que ajudaram a compor esta tradição. O que me motivou a escolher este tema foi justamente esta diversidade implícita na tradição da Festa Junina, esta capacidade de reunir num mesmo ritual tantos elementos distintos, de lugares diferentes, que juntos ajudam a contar a história do povo brasileiro.

Portanto, o objetivo principal para a realização deste trabalho é trazer aos alunos a história das Festas Juninas e como elas se integram com o fazer artístico, uma vez que o tema proposto nasce da necessidade de se examinar mais a fundo as especificidades e peculiaridades deixadas pelas contribuições de outras culturas através do tempo e de nossa consequente miscigenação para a solidificação da Festa Junina como elemento cultural.

Além disso, existe a necessidade de se conhecer os impactos de toda esta Influência cultural nos aspectos sociais e econômicos locais, instaurando reflexões sobre o simbolismo destas culturas em nossa identidade e na pluralidade cultural.

O presente tema vai abordar um resgate histórico, de forma universal, porém sucinto, para depois narrar como as Festas Juninas começaram a fazer parte das festividades do município de Sena Madureira, englobando aspectos referentes aos costumes, a culinária, a linguagem, festas, danças, etc., bem como, questões relativas às diversidades daquele local.

Observei que temos uma boa bibliografia referente às teorias que envolvem este tema, como identidade cultural e o ensino de arte educação e que a mesma pode ser explorada a fim de encontrarmos caminhos que apontem como a arte-educação pode interagir com a realidade do aluno, pois, durante os estágios e projetos que desenvolvi ao longo do curso de Licenciatura, percebi que existe uma distância muito grande entre estes dois eixos, (realidade do aluno, X arte-educação), e que esta aproximação deve incluir as representatividades festivas como referência.

Teoria e prática se encontrarão através da produção de trabalhos, utilizando a linguagem artística *assemblage* como forma de expressão, onde serão utilizados vários objetos representativos da Festa Junina, transformando-a deste modo em algo novo, assim como aconteceu com este símbolo cultural com a apropriação dos elementos de outras culturas.

Os conteúdos a serem abordados neste trabalho vão desde a origem da Festa Junina, questões de identidade local, influências culturais externas, símbolos e significados atribuídos à festa, como a fogueira, os balões, os fogos, as bandeiras e a dança, passando pela culinária, os hábitos e costumes culturais típicos do interior do Brasil, representados e imortalizados na tradição da Festa Junina, que fez e faz parte da construção da história do Brasil e da formação de seu povo.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa faz uma digressão sobre as origens das Festas Juninas, buscando informações que possam subsidiar o surgimento das Festas Juninas no município de Sena Madureira, evidenciando os costumes, a cultura e investigando desde a origem da tradição, até os dias atuais e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade local.

Uma das propostas da pesquisa é ressaltar e valorizar os costumes e a tradição do povo acreano, trazendo para dentro da sala de aula, através da disciplina de Artes, esse conhecimento que é pouco difundido. Através de projetos artísticos interdisciplinares narra os acontecimentos históricos que deram origem a tradição desta festa na região do Acre, me ajudando, sobretudo, a compreender a evolução desta tradição dentro deste contexto histórico.

Senti a necessidade de pesquisar mais a fundo sobre o tema das Festas Juninas, a fim de obter algumas respostas sobre a origem e o significado dos signos que perpassam o tempo e que representam esta festa bem como dos elementos que compõem a identidade cultural do povo Madureirense.

A contribuição que este assunto pode trazer para o campo da Arte-Educação é justamente o resgate sobre a origem e o significado das Festas Juninas e o conhecimento que será gerado sobre as identidades locais e a construção da memória artística, política, religiosa e sociocultural desta comunidade, principalmente dos alunos que estarão interagindo de forma efetiva na prática que será aplicada em sala de aula.

Desta forma, acredito que, com o desenvolvimento deste estudo, serão lançados alguns conhecimentos e informações que serão de grande relevância para a compreensão das Festas Juninas, enquanto elemento cultural, nos aspectos de cunho econômicos e sociais de nossa região.

Neste sentido, os resultados desta pesquisa podem ainda, contribuir, de forma significativa para o surgimento de novos conhecimentos sobre o tema das Festas Juninas, gerando alguns novos debates, principalmente no campo da história, sobre a questão de identidade e as influências sobre a mesma, a partir do contato com outras culturas e os diversos elementos que as representam.

Assim, esta monografia se propõe a analisar a Festa Junina, focalizando nas transformações de identidade, através da mistura cultural, que deu origem a tradição, possibilitando, de certa forma, a compreensão de que o sujeito constrói sua própria identidade social, a partir de suas experiências culturais. Análise esta que se justifica por servir de base para minha pesquisa e que será desenvolvida no município de Sena Madureira – AC, Brasil.

Minha proposta para o trabalho prático é abordar o tema dentro de sala de aula, mesclando a Festa Junina com a produção de uma *assemblage*, de modo que, os alunos possam expressar o que entendem a respeito da tradição da Festa Junina por meio desta linguagem de expressão artística.

Minha experiência no decorrer do curso de Artes Visuais me mostrou que esta é uma das expressões que mais se aproximam da linguagem dos jovens, por ser mais dinâmica e por reunir o maior número de informações sobre determinado tema, de forma pouco convencional.

Diante desse cenário escolhi a técnica de *Assemblage* por ter como propósito representar uma ideia, um sentimento, uma crítica, através do acúmulo de objetos comuns do cotidiano, de modo que formem uma imagem, um enredo, a partir da justaposição entre eles, aproximando ao máximo de uma Festa Junina. A ideia não é reproduzir uma Festa Junina, mas usar os seus signos para representar o conceito, para falar de algo que conhecemos de uma forma não usual, justamente para gerar um debate, um questionamento que seja, mas que fuja da obviedade.

A proposta é que, esta aula prática, seja um meio de mostrar aos alunos que nossa identidade cultural, também se modifica e é formada a partir da justaposição de muitos elementos, sejam eles adquiridos no seio da família, ou, herdados de culturas distintas e como ela pode ser representada por meio das expressões artísticas.

A identidade cultural caracteriza-se por um sistema de relações entre os indivíduos que envolvem o compartilhamento de características comuns numa determinada sociedade, como a língua, as artes, a religião, o trabalho, as festas e etc. Cabe ressaltar que este é um processo mutável que se alimenta de várias fontes, sendo, portanto, passível de influências externas.

Nossa identidade cultural, ou seja, nossa língua, nossas crenças, nossas manifestações culturais foram afetadas, quando, ainda na colonização tivemos contato com culturas de outros povos. Religiões se fundiram e as línguas se confundiram, transformando-se em algo novo, peculiar, afetando, portanto, a identidade do povo, o modo como ele se via e se diferenciava dos demais povos.

Na própria Festa Junina podemos observar este impacto na identidade cultural brasileira, quando a dança de quadrilha, típica da França é introduzida no interior do Brasil e as expressões francesas precisaram ser adaptadas para o sotaque *caipirês* para se fazer entender. Não sabemos se o *caipirês* foi afrancesado ou se o Francês foi *caipirizado*, o fato é que, de um modo ou de outro, as identidades foram alteradas de modo irreversível.

REFERENCIAL TEÓRICO

Existem inúmeras manifestações que pretendem ou permitem nos revelar a forma do homem encarar o mundo que o cerca; contudo, as teorias podem ser bastante difusas e nem sempre cumprem as mesmas funções para diferentes culturas. Não por acaso, sabemos que, entre alguns povos, o campo da expressão artística esteve atrelado a questões políticas ou religiosas.

O presente trabalho traz como tema: a Festa Junina _ Síntese de uma mistura cultural. O mesmo será desenvolvido a partir de referenciais teóricos sobre identidade, cultura, tradição e modernidade, dentre outros, que se mostram de suma importância para sua análise e compreensão, além, do desenvolvimento de trabalhos práticos, que veremos futuramente.

O conteúdo desta pesquisa abrange, ainda, aspectos variados das comemorações juninas; narra sua história _ que remonta a períodos anteriores a era cristã; abrange as diversidades locais; a tradição caipira do Norte; as origens da quadrilha e sua dança; a culinária e suas especificidades; além dos elementos representativos da festa, que revelam a identidade do povo.

Para subsidiar esta pesquisa, serão utilizados como referenciais teóricos os seguintes autores: Lúcia Helena Vitalli Rangel, Boaventura Souza dos Santos e Roque de Barros Laraia.

Lúcia Helena Vitalli Rangel é antropóloga e desenvolveu uma pesquisa pioneira sobre o tema Festa Junina. Em sua pesquisa, Rangel, (2008), aponta que, a tradição da Festa Junina evidencia as crenças e costumes da sociedade; além de expressar a arte e a capacidade cognitiva do povo de descrever através da música, da dança, das brincadeiras e improvisos, toda sua cultura, constituindo-se assim em um símbolo de relevante contribuição social.

Segundo Rangel, (2008), “o tema Festas Juninas proporciona um campo fértil de análise do significado desse período tão importante na cultura brasileira”. (RANGEL, 2008, p.15). E, é a autora quem vai contribuir de forma mais sistemática com minha pesquisa, pois, ela investigou a fundo questões de origem da tradição, bem como sua transformação na história europeia e suas redefinições no contexto brasileiro.

Rangel (2008) em sua pesquisa remonta desde os tempos coloniais, até os dias atuais, e estes quesitos farão parte desta pesquisa, em busca do conhecimento sobre a vida social deste povo, bem como das questões políticas, econômicas e culturais que o configuram, e, como tais questões foram afetadas a partir da influência de outras culturas em suas características identitárias.

Sobre esta questão de identidade, SANTOS, (1994), historiador e sociólogo, afirma que “as identidades culturais, hoje em dia, não são assim tão rígidas ou imutáveis; são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 1994, p. 31); neste sentido, estão sempre sofrendo alguma alteração, conforme agregamos ou perdemos referências, logo, nossa identidade cultural é passível de mudança conforme as influências externas.

Santos (1994) ajudará a investigar a Festa Junina e as questões que envolvem este campo de representação cultural, pois, de acordo com o autor, “mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, escondem, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação” (SANTOS, 1994, p.31).

Isto implica dizer, que, a cada contato com fragmentos de outras culturas, o indivíduo interpreta para a sua realidade, elementos capturados da cultura do outro e os toma para si, dando vida a tais identidades. A Festa Junina se encaixa perfeitamente neste contexto, pois, é uma representação que nasceu em decorrência da fragmentação de outras culturas, sendo assim, um elemento cultural a ser analisado.

Ainda para este autor, a questão de identidade inclui aspectos referentes ao individual e ao coletivo; a tradição e a modernidade. Santos (1994) chega mesmo a afirmar, que, o nosso olhar deve conceber o objeto ‘identidade’ como parte de um processo histórico de longa duração, e, que, sendo assim, é bem possível que as mudanças do presente não sejam mais que pequenos ajustamentos.

A teoria do autor acima citado se encaixa em meu tema, quando levanta a questão de tradição e modernidade referente a questões de identidade, pois as Festas Juninas, com o passar dos tempos, sofreram mudanças consideráveis na significação dos elementos que a representam, mudando consigo as referências de

identidade dos indivíduos através dos processos tecnológicos da modernidade, o que, por sua vez, afetam, irreversivelmente, esta representação cultural.

Comparando a definição de identidade, de SANTOS (1994), ao objeto deste estudo, supomos que as Festas Juninas na região Norte _ tal qual se conhecem hoje _ sejam o resultado de uma sucessão de acontecimentos históricos, que culminaram na formação de signos e símbolos que contam a história de uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras.

O antropólogo Laraia, (2001) nos ajuda a entender que estes símbolos que contam a história da Festa Junina, são, na verdade, um sistema criado pela população, a fim de facilitar a interação entre os indivíduos, e, que vão se modificando, conforme a necessidade de reinterpretá-los, para adequá-los a realidade e a necessidade em conviver com as diferenças, frutos da miscigenação.

Neste sentido, Laraia (2001), vai me ajudar a compreender o sistema de símbolos desencadeados pela Festa Junina, pois eles remontam as mais variadas vertentes do saber humano, e, embora existam símbolos que são facilmente reconhecidos, outros, só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto, seja ele religioso ou cultural, ainda que estejam em contínuo processo de modificação.

Laraia, (2001), analisou que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro _ tese esta que ajuda a compreender às características atribuídas as tradições da Festa Junina, pois, no Brasil, tivemos contato com distintas culturas que aqui fincaram suas raízes, dando origem a profundas mudanças estruturais.

Laraia, (2001), segue sua tese afirmando que “é praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna” (LARAIA, 2001, p.50). Então, com base nisto, caminharei, analisando questões relativas à vida dos indivíduos e a sua capacidade de criar e recriar os simbolismos da Festa Junina, conforme (foram) e vão recebendo influências externas.

E, desta forma, com a ajuda destes três teóricos apresentados, irei investigar os aspectos que envolvem a origem das Festas Juninas e suas influências

socioeconômicas; bem como questões referentes à identidade cultural desta sociedade e as questões que a compõem, analisando as velhas tradições e seus reflexos no presente.

Os estudos também servirão de base, para, o possível desenvolvimento de uma atividade prática, que venha de forma sistemática, colaborar na sintetização do trabalho teórico, se adequando às necessidades específicas.

1. FESTA JUNINA: MULTICULTURALISMO

1.1. Um Breve Histórico



Foto 1 - Festa Junina

Fonte: IFAC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

A antropóloga Vitalli (2008), afirma que “as chamadas Festas Juninas têm sua origem em países católicos da Europa” (VITALLI, 2008, p.15) e, são, na sua essência, multiculturais. O formato em que a conhecemos hoje teve inspiração nas festas dos santos populares em Portugal, principalmente São João. A festividade seria, portanto, uma homenagem a São João, sendo chamada a princípio de “São Joanina”.

A Festa Junina foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial, período este em que o território brasileiro era apenas uma colônia do império português e por ele era administrado, sendo rapidamente incorporada aos costumes indígenas e afro-brasileiros, que na época, eram condenados ao trabalho escravo e aliciados com o intuito de viabilizar interesses econômicos puramente europeus.

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam

referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas (VITALLI, 2008, p.21).

Segundo Vitalli (2008), “além da influência portuguesa, nesta época, havia ainda uma grande influência de elementos culturais chineses, espanhóis e franceses” (VITALLI, 2008, p. 15), cujas comunidades também ambicionavam lucrar no Brasil, fato este, que se configurou numa grande mistura racial e cultural.

Logo, os costumes da Festa Junina, com resquícios europeus, foram disseminados em todo o país e trazidos pelos migrantes de outras regiões do Brasil que seguiam para regiões de seringais em busca de trabalho, assim, a Festa Junina chegou à região Norte do país, se fundindo aos hábitos da cultura local.

Com o passar do tempo, o significado e o nome original da festa, a princípio conhecida por Festa Joanina foram descaracterizados, pois “a festa passou oficialmente a ser comemorada no mês de junho, mês em que se comemora a colheita do milho no Brasil; quando os rios estão baixos e o solo pronto para enfrentar o plantio” (VITALLI, 2008, p.21). Daí o nome Festa Junina.

Desta forma, compreende-se que, apesar da influência externa, as raízes culturais brasileiras foram preservadas de alguma forma através da Festa Junina, no momento em que os nativos passam a se preocuparem menos com o sentido religioso da festa herdado dos europeus e focar mais numa característica regional do país, misturando respectivamente o santo e o profano.

Como o território brasileiro é muito grande, com o passar do tempo as comemorações portuguesas foram agregando variações regionais, apesar de conservarem um núcleo religioso comum de louvor aos santos do mês de junho. Vários novos elementos foram incluídos nas comemorações ao longo dos anos, no entanto, as Festas Juninas continuam sendo as guardiãs da tradição secular de dançar ao redor do fogo. Atualmente, a celebração da fertilidade é representada pelo casório e pelo banquete que o segue e as oferendas deram lugar às simpatias, adivinhações e pedidos de graças que se fazem aos santos (RIBEIRO, 2002, p.28).

Ribeiro (2002) nos mostra que apesar da mistura de raças do povo brasileiro, somos muito mais definidos hoje pelas nossas semelhanças do que pelas diferenças. O que nos ajuda a entender que com os fatores que culminaram nesta fusão inter-racial, surgiu uma nova estrutura social, que não suprimiu por completo a identidade étnica brasileira em prol da europeia, mas que ambas foram adaptadas à

nova realidade, transformando a Festa Junina em um evento festivo importante, tanto cultural como politicamente.

1.2. Influências, Símbolos e Significados



Foto 2 - O Arraial
Fonte: G1

Em meados do século XIX, portugueses, chineses, espanhóis e franceses influenciavam o Brasil com seus hábitos culturais peculiares, o que explicaria a origem de algumas simbologias e de alguns costumes praticados durante a execução da Festa Junina. As Festas Juninas são, portanto, um retrato das contribuições culturais de cada povo à cultura brasileira.

Hoje as festas juninas possuem cor local. De acordo com a região do país, variam os tipos de dança, indumentária e comida. A tônica é a fogueira, o foguetório, o milho, a pinga, o mastro e as rezas dos santos. Cada comunidade homenageia seus santos preferidos e padroeiros, com destaque para os santos juninos. São festas de arraial que começam no décimo dia depois das novenas e nas quais estão presentes as fogueiras, o foguetório, o mastro, banhos, muita comida e folia (VITALLI, 2008, p.25).

Estes símbolos culturais que fazem parte do cenário da Festa Junina referem-se não apenas à tradição da festa, mas também a cultura regional. Assim, no cenário da festa, encontram-se uma série de componentes da cultura brasileira sob forma de simulações, como o arraial e o casamento matuto, que se entrelaçam tanto

ao universo simbólico do modo de vida rural quanto ao modo de vida urbano industrial.

1.3. Dança da Quadrilha: uma pitada da tradição francesa

A quadrilha tradicional tem no mínimo 16 pares e é constituída de 30 passos, alguns afrancesados, como *anarriê*, e outros bem brasileiros, como o caminho da roça.

A quadrilha era uma dança muito popular entre a aristocracia do século XIX, época em que chegou ao Brasil. Foi reencontrada e reinterpretada pelo povo, teve novas figuras e comandos acrescentados e é composta de cinco partes ou mais, com movimentos vivos. Posteriormente, foi adotada por diversos compositores nacionais – ganhando um "sotaque" brasileiro - e disseminou-se por todo o país, fazendo com que aparecessem variações regionais. A lembrança da influência francesa se faz presente até hoje, nas quadrilhas juninas, onde a evolução dos pares se faz guiar por palavras francesas aportuguesadas: "changê" (*changer* - trocar), "anavam" (*en avant* - em frente), "anarriê" (*en arrière* - para trás), "tur" (*tour* - fazer uma volta), "balancê" (*balancer* - balançar o corpo). (RIBEIRO, 2002, p.28).

Hoje em dia, a quadrilha só é dançada apenas nas Festas Juninas, com algumas variações de movimento. A sanfona, o triângulo e a zabumba são os instrumentos musicais que acompanham a quadrilha, além da viola e do violão.



Foto 3 - Quadrilha

Fonte: IFAC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Os compositores brasileiros inovaram nas letras das músicas, abrigando-as e satirizando diversas situações do cotidiano interiorano e hoje uma das canções preferidas para dançar a quadrilha é Festa na roça, de Mario Zan, (música instrumental, uma vez que existem os comandos que devem ser gritados pelo marcador durante a execução da dança).

“O marcador da quadrilha desempenha papel fundamental, pois é ele que dá a voz de comando em francês não muito correto misturado com o português e dirige as evoluções da dança” (VITALLI, 2008, p.51).

1.4. As Fogueiras

Como a Festa Junina é realizada num mês mais frio e geralmente ao ar livre, passaram a acender enormes fogueiras para que as pessoas se aquecessem em seu redor. No entanto, elas ainda carregam consigo uma simbologia especial.

As fogueiras eram frequentes em todo o continente europeu, em festivais de verão, para afastar maus espíritos. Tais festas eram ocasiões de comemorações também de noivados e casamentos, mais abundantes nos anos de boa colheita. A fogueira sempre centralizou a festa (RIBEIRO, 2002, p.29).



Foto 4 - Fogueira
Fonte: Espaço Legal

Nos festejos juninos é comum os brincantes pularem a fogueira. Esta simbologia está relacionada com a forma de sociabilidade que foi característica da sociedade brasileira até meados do século XX, como nos mostra VITALLI (2008):

As relações familiares eram complementadas pela instituição do compadrio, que servia para integrar outras pessoas à família, estreitando assim os laços entre vizinhos e entre patrões e empregados. Havia duas formas principais de tornar-se compadre e comadre, padrinho e madrinha: uma era, e ainda é pelo batismo; a outra, por meio da fogueira. Nas festas de São João, os homens, principalmente, formavam duplas de compadres de fogueira: ficavam um de cada lado da fogueira e deveriam pular as brasas dando-se as mãos em sentido cruzado (VITALLI, 2008, p.23).

Segundo Vitalli (2008), “quanto mais alta a fogueira, maior era o prestígio de quem a armou” (VITALLI, 2008, p.39) e era comum, ao realizarem este ritual de pular fogueira recitarem versos como estes: “São João dormiu, São Pedro acordô, vamo sê cumpadre que São João mandô” (VITALLI, 2008, p. 23).

No entanto, existem outras explicações para a simbologia da fogueira, como nos mostra Ribeiro (2002):

Aos poucos, os cristãos foram criando novas versões para os mitos a fim de explicar as práticas anteriores, pagãs - um exemplo é o simbolismo da fogueira. A motivação inicial de reunião da aldeia para celebrar a fertilidade, agradecer aos deuses e pedir proteção contra maus espíritos, foi substituída pela versão católica de que a primeira fogueira acesa nessa data teria sido na cidade de Jerusalém, onde viviam as primas Maria e Isabel. Isabel, no final da gravidez de seu filho João, combinara com Maria enviar um sinal após o parto. Esse sinal seria acender uma fogueira em frente a sua casa. A partir daí, o dia 24 de junho ficaria marcado pelas fogueiras em homenagem ao nascimento de São João. (RIBEIRO, 2002, p.27).

O que se compreende com esta mudança de significados a cerca da simbologia da fogueira utilizada durante a Festa Junina é que, algumas culturas, algumas vezes querem se sobrepor a outras.

Logo, a cultura ocidental, tida como dominante não aceita a versão pagã, herdada das aldeias indígenas, impondo seus próprios dogmas para a explicação de um ritual que seria genuinamente pagão, mas que ganha uma versão politizada para que os indivíduos continuem a prática de acender fogueiras, mas não abstraíam o sentido religioso da Festa Junina.

1.5. Fogos, Bandeiras e Balões

Segundo a tradição popular, as bandeiras confeccionadas em papel fino e colorido e que enfeitam a festa tem origem nas bandeiras dos santos.



Foto 5 - Bandeirinhas
Fonte: UOL



Foto 6 - Fogos e Balões
Fonte: UOL

O hábito de soltar fogos de artifício é para acordar São João e “os balões levam, segundo os devotos, os pedidos para o santo”. (VITALLI, 2008, p. 39).

1.6. Casamento na Roça

A dramatização do casamento na roça, encenada durante a Festa Junina, é uma forma bem humorada de retratar uma realidade do início do século, quando as zonas rurais eram predominantes no Brasil e não era permitido o sexo antes do

casamento, segundo as leis da Igreja e da família, sendo os noivos obrigados a casar, muitas vezes sob a ameaça policial, como nos conta Vitali (2008):

O casamento caipira ou matuto aborda de forma bem humorada a instituição do casamento e as relações sexuais pré-nupciais e suas consequências. Seu enredo, com algumas variações de uma região para outra, é o seguinte: A noiva fica grávida antes do casamento e seus pais obrigam o noivo a se casar com ela. Como ele tenta fugir, o Pai pede a interferência do delegado e de seus ajudantes. Em algumas localidades, o casamento civil é realizado após a cerimônia religiosa, sob a vigilância do delegado e de seus auxiliares. Depois, é só acompanhar a sanfona, o triângulo e a zabumba e comemorar o casamento com a dança da quadrilha. (VITALLI, 2008, p.47).



Foto 7 - Casamento Caipira
Fonte: IFAC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Desta forma, com a realização do casamento, a honra da noiva e de sua família estaria restaurada e a união era socialmente aceita, ainda que muitas vezes, o próprio delegado fizesse às vezes de padre.

1.7. Culinária

Apesar de todas as influências culturais que recebemos, a influência cultural indígena na culinária é bastante notória, pois nos apropriamos de muitos elementos como a macaxeira e o milho, de onde são preparados os pratos principais da festa, desde os próprios alimentos cozidos, até bolos, salgados, pé-de-moleque, pamonhas, canjicas, cuscuz, cural e etc.

A culinária de uma sociedade é uma das linguagens, através das quais se traduz sua estrutura social. Os tratados culinários refletem o inconsciente da vida cotidiana de uma cultura, ao mesmo tempo em que, explicitamente, retratam uma época – cada povo tem o seu cardápio. Ao lado da linguagem, o processo de alimentação se coloca como um dos mais sofisticados produtos de uma cultura. (RIBEIRO, 2002, p.29).



Foto 8 - Culinária
Fonte: Mundo das tribos

Isto implica dizer que, entre outros aspectos, a influência brasileira na tradição da Festa Junina pode ser percebida na alimentação, quando foram introduzidos alimentos como a macaxeira, o milho, o leite de coco e tantos outros, tipicamente brasileiros que foram se misturando e se transformando em elementos novos a partir da mistura de vários outros componentes culturais, conforme as necessidades.

Fazendo um paralelo, podemos citar as fusões entre a culinária das culturas já citadas e a culinária da região como resultado da mistura dos povos. Muitas das técnicas de preparo e ingredientes são de origem indígena, tendo sofrido adaptações por parte dos nativos e dos portugueses. Esses faziam adaptações dos seus pratos típicos substituindo os ingredientes que faltassem por correspondentes locais, criando assim, ainda que despretensiosamente novos pratos com a fusão das duas culturas, como explica Ribeiro (2002):

A nossa cozinha básica, cotidiana ou de festa, mantêm nas tradições alimentares, do plantio, do comércio e do consumo de determinados produtos, o entrelaçamento do Brasil Colonial com o Brasil de hoje, e o do amanhã. Da mesma forma como reflete o verdadeiro mosaico étnico, no qual portugueses, africanos e indígenas misturaram

saberes, sabores e paladares para dar o mais perfeito significado a palavra mestiçagem. A culinária brasileira é uma cozinha mestiça, onde é possível perceber o grau de enraizamento das influências na impossibilidade de obtenção dos mesmos aromas e sabores pelo isolamento ou reconstrução dos pratos segundo práticas puristas. A mesa brasileira é hoje uma deliciosa composição das tradições indígenas, com as iguarias africanas e a suculência portuguesa. Tudo isso originado na adaptação que os portugueses tiveram que fazer quando aqui chegaram. Uma das plantas europeias que não se adaptou ao solo brasileiro foi o trigo; a mandioca tornou-se, então, o seu substituto na culinária. E foram os indígenas que apontaram as novas possibilidades alimentares. Por outro lado, foram os portugueses que temperaram com sal, canela, alecrim, erva-doce e cravo-da-índia essas novas opções. (RIBEIRO, 2002, p.29).

Esta fusão de elementos culturais dentro da culinária brasileira foi decisiva para a variedade de ingredientes que compõe a mesa da Festa Junina, uma vez que a matéria prima dos pratos principais é brasileira, a maioria herdada da culinária indígena, mas o que dá o sabor agradável aos pratos são os ingredientes europeus introduzidos aos hábitos alimentares dos brasileiros, sem os quais, tais iguarias não seriam tão apreciadas e desejadas.

2. METODOLOGIA

A atividade prática que norteia esta pesquisa foi desenvolvida na Escola de Ensino Médio Dom Júlio Mattiole, com uma turma de 1º ano, composta por aproximadamente 25 alunos, entre 15 e 18 anos de idade e consiste na produção de uma obra artística, baseada na Festa Junina, através da técnica *Assemblage*. O trabalho foi devidamente registrado por meio de fotografias.

O tema Festa Junina foi abordado dentro da sala de aula, de modo que, o quê norteou de fato o trabalho prático foi à vivência e as experiências dos alunos em relação ao tema e seu conhecimento relacionado a esta manifestação cultural.

A proposta da atividade foi utilizar a simbologia existente no cenário da Festa Junina e mesclar estas informações com um trabalho artístico desenvolvido pelos próprios alunos. Os símbolos utilizados para as produções foram tanto artefatos de decoração da festa, como bandeiras e retalhos de tecido; da dança, utilizando fitas; da fogueira, como pedaços de pau e gravetos e mesmo da culinária, como sementes, castanhas e frutos e vários outros elementos pertinentes para o desenvolvimento desta atividade.

A técnica de *Assemblage* foi escolhida por se tratar de uma linguagem artística bastante dinâmica, capaz de reunir em uma mesma proposta vários objetos com simbologias diferentes, o que por sua vez a aproxima bastante do contexto das Festas Juninas, pois, por mais diversos que sejam estes simbolismos, eles mantêm uma relação harmoniosa entre si.

Após conversar sobre as Festas Juninas com os alunos, os mesmos foram orientados a expressar através do trabalho artístico o que pensam, sabem ou sentem em relação ao tema, de forma bastante intuitiva, através dos objetos que ajudam a compor a festa. O objetivo do trabalho não foi de forma alguma reproduzir uma Festa Junina, mas utilizar objetos representativos desta festa para compor uma produção artística.

Para tanto foram utilizados alguns objetos comuns ou descartáveis do dia a dia, que foram reutilizados; caixa de papelão, papéis de seda coloridos, tecidos, fitas, gravetos de madeira, sementes, milho, castanha, brinquedos e o que mais a imaginação dos alunos permitisse para que, através do processo criativo,

estimulasse o debate sobre a história local e a valorização da cultura, além de promover uma reflexão sobre como a mistura cultural gera a capacidade de formar outros novos símbolos.

O desenvolvimento desta atividade aconteceu em grupos. A turma foi dividida em dois grupos grandes e juntos puderam trabalhar em equipe, representando através do trabalho artístico suas ideias em relação à Festa Junina. A ideia principal desta atividade era que fosse um trabalho coletivo, colaborativo, da mesma forma que acontece quando a comunidade resolve se unir para organizar uma Festa Junina. O trabalho é sempre coletivo e as tarefas são igualmente divididas para que todos estejam envolvidos e façam parte de todo o processo de trabalho.

Eu mesma levei para a sala de aula alguns objetos que julguei pertinente e pedi para que a turma também levasse objetos e símbolos representativos da Festa Junina ou que eles julgassem importantes neste contexto da tradição e que tivesse significado para eles. Desta forma, os alunos puderam construir suas *Assemblagens* agregando seus valores, individuais e coletivos, representando suas impressões a cerca do tema, através de singelos, porém significativos trabalhos artísticos.

O primeiro grupo de alunos utilizou uma caixa de papelão como suporte para construir o trabalho, eles utilizaram milho e castanha do Pará, representando, respectivamente a culinária típica da festa, além disso, utilizaram papel crepom para confeccionar as bandeirinhas que fazem parte do cenário da Festa Junina. Chamou-me atenção, o fato de terem confeccionado bandeiras com as cores dos países cujas culturas influenciaram o Brasil, a saber: Espanha, Portugal, China e França para ajudar a compor o trabalho.

Utilizaram ainda fitas coloridas e um boneco, representando a dança de quadrilha e um tubo de papelão que lembra a tradição dos fogos de artifício. Em fim, dentro do que foi solicitado e do que estava ao alcance dos alunos, a Festa Junina foi representada da melhor maneira possível, apesar dos materiais disponíveis serem bastante limitados.

O segundo grupo optou por fazer o trabalho no próprio chão da sala de aula e os alunos utilizaram para a composição desta *Assemblage* frutos da terra, como banana, limão, coco, buriti, manga e produtos industrializados, como chocolate e embalagens de batatinhas fritas para fazer um contraponto entre o meio rural e o

meio urbano, como está bem representado na Festa Junina, através da culinária indígena que ainda persiste na tradição e os produtos industrializados que também são inerentes a Festa Junina, por conta da revolução industrial.

Alem disso, os alunos utilizaram carros de brinquedo e animais de plástico e madeira, o que ironiza um pouco esta situação da Festa Junina querer preservar os hábitos típicos do interior, mas, de certa forma ter se tornado um produto urbano.

O instrumento que utilizei para coletar dados foi por meio de entrevista com alunos da instituição de ensino. O material servirá de apoio para coletar informações relevantes para estruturar uma narrativa significativa da Festa Junina no processo cultural social da sociedade de Sena Madureira, através das seguintes perguntas:

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?
2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?
3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?
4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

O questionário a cima foi aplicado a todos os alunos, para que a pesquisa fosse o mais abrangente possível e possibilitasse perceber, bem como através da produção artística de *Assemblage*, as percepções dos jovens em relação à própria cultura e o sentimento inerente em relação à tradição da Festa Junina; porém, foram selecionados apenas cinco para compor os anexos do TCC.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A turma de 1º ano da Escola de Ensino Médio Dom Júlio Mattiole se mostrou bastante receptiva a proposta apresentada. A expectativa criada em torno da possibilidade de trabalhar um tema conhecido por eles de uma forma pouco convencional era grande.

A princípio a ideia pode ter soado incomoda e estranha, pela própria acomodação que percebemos em relação ao ensino de arte no município, pelas aulas metódicas apresentadas e pela falta de dinamismo nas metodologias utilizadas pelo professor, no entanto, este estranhamento foi bem vindo, pois a ideia era realmente tirar o aluno de sua zona de conforto e colocá-lo para expressar suas ideias por meio de uma linguagem alternativa, diferente da caneta e do papel.

Percebi, pelos trabalhos produzidos pela turma que a cultura da Festa Junina é vista por eles de uma forma bem diversa e que, eles tentaram transmitir essa mensagem por meio das produções artísticas através das cores que utilizaram e dos elementos que escolheram para compor as *Assemblagens* e até mesmo por meio da disposição dos objetos, tudo compondo um cenário conhecido por eles, mas representando uma visão diferente através da arte.

As entrevistas realizadas me mostraram que os alunos consideram que as Festas Juninas são a expressão maior de arte do município, embora também apresente um apelo comercial e econômico muito grande, seja por meio da dança, da música, do teatro, das vestimentas, da decoração intimista, da linguagem peculiar, da culinária, do artesanato, da própria poética contida no contexto da festividade, na questão do mito, das simbologias, da religiosidade atribuída à festa, em fim, da identificação pessoal que os jovens sentem em relação a esta tradição, apesar dela ter sofrido alterações ao longo do tempo.

Em virtude dos dados apresentados por meio de entrevistas e trabalhos práticos realizados pelos alunos, acredito que fica comprovada a importante contribuição das Festas Juninas para o contexto da arte-educação do município de Sena Madureira, uma vez que a mesma carrega uma forte carga de significados que podem fundamentar a adaptação do tema para sua discussão nas aulas de arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Festas Juninas consistem num vasto campo de pesquisa sobre a condição do homem no decorrer da história. A simbologia explícita na tradição da festa nos conduz a uma reflexão sobre o quanto o homem luta para superar suas dificuldades, seus problemas diários e se manter firme, mesmo que ele viva uma condição de escravo em sua própria terra, ou viva esta condição em terra alheia.

Fato é que, através das manifestações folclóricas como a Festa Junina, mantém-se viva as tradições e costumes de um povo, preservando desta forma sua identidade para as gerações futuras, mantendo vivas as práticas que foram se perdendo com o surgimento da era industrial.

Outra característica é que, com a modernidade, as Festas Juninas ganharam reconhecimento na mídia e ganhou status de espetáculos, atraindo turistas, patrocínios e investimentos, porém, o resultado pode soar ligeiramente como uma perda de sentido, tornando a Festa Junina apenas um objeto de consumo, quando, em sua essência, esta festa era uma história mais intimista e familiar.

Este fato pode ser observado nos próprios trabalhos realizados pelos alunos, quando eles fazem uso de produtos tipicamente caipiras, como frutos, característicos da culinária indígena, que são consumidos na Festa Junina e mesclam estes elementos com produtos industrializados que são da mesma forma consumidos dentro da festa demonstrando que a tradição junina ultrapassou a barreira do *carpirêz* e virou também um produto comercial.

As informações contidas neste trabalho contribuirão para que o povo madureirense conheça a trajetória de vida dos povos que participaram ativamente e de forma significativa para a construção dos valores sociais e religiosos de nossa região e para que gerações mais jovens conheçam de onde surgiram os costumes dos quais possivelmente participam, mas desconhecem suas origens e significados.

REFERÊNCIAS

G1. **O Arraial**. [on-line] Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/06/festa-junina-agita-feira-de-sao-cristovao-na-zona-norte-do-rio.html>>. Acesso em: 20 out 2012.

IFAC. **Festa Junina**. [on-line] Disponível em: <<http://www.ifac.edu.br/index.o-arraia-do-ifacsena-madureira-resgata-tradicoes>>. Acesso em: 14 out 2012.

_____. **Quadrilha**. [on-line] Disponível em: <http://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1228%3A1o-arraia-do-ifacsena-madureira-resgata-tradicoes&catid=47%3Asena-madureira&Itemid=88>. Acesso em: 14 out. 2012.

_____. **Casamento caipira**. [on-line] Disponível em: http://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1228%3A1o-arraia-do-ifacsena-madureira-resgata-tradicoes&catid=47%3Asena-madureira&Itemid=88. Acesso em: 14 out. 2012.

_____. **Fogueira**. [on-line] Disponível em: <http://www.espacolegal.net/fogueira-de-sao-joao/>. Acesso em: 20 out. 2012.

_____. **Culinária**. [on-line] Disponível em: <http://www.mundodastribos.com/festa-junina-comidas-tipicas.html>. Acesso em: 20 out. 2012.

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. 14. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

RANGEL, Lúcia Helena. **Festas Juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO, Heloisa, **Rotas da fé: Festas Juninas**. Caderno Virtual de Turismo, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro _ Rio de Janeiro, Brasil.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

UOL. **Bandeirinhas**. [on-line] Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2012/06/12/festas-juninas-pelo-brasil.htm?abrefoto=9>>. Acesso em: 14 out 2012.

UOL. **Fogos e Balões**. [on-line] Disponível em: <http://olhares.uol.com.br/festival-de-balao-com-fogos-de-artificios-foto2542915.html>. Acesso em: 20 out 2012.

ANEXOS

ASSEMBLAGENS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Grupo 1



Grupo 2



ENTREVISTAS COM ALUNOS

Aluna: Luana Karen

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?

Vejo a Festa Junina como uma forma de mantermos a tradição dos nossos antepassados, além de ser uma forma de mostrar para o mundo os nossos hábitos, nossos costumes, etc., é como uma espécie de vitrine por onde nossos hábitos culturais podem ser observados.

2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?

A diferença é que a Festa Junina não é genuinamente brasileira ou acriana, como outras tradições que temos, é uma mistura muito bonita de culturas de vários povos que passaram por aqui e deixaram um pouquinho do que tinham de melhor.

3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?

Acho que é uma fusão sim. Essa mistura enriqueceu a nossa cultura, pois adquirimos outros hábitos, outras danças, outros ingredientes culinários, outros jeitos de falar e isso é importante para a nossa cultura, essa variedade de hábitos que temos hoje.

4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

Acredito que seja cristã, pois comemora-se a vida dos santos e tudo que acontece na Festa Junina, as brincadeiras e músicas, exaltam os santos.

Aluna: Juliana Almeida

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?

A contribuição é grande, como a promoção de nossa maravilhosa culinária, nossas histórias, lendas, músicas e artesanatos, que vende muito bem na época em que acontecem as quadrilhas.

2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?

Acredito que o que diferencia é que na Festa Junina nossos produtos culinários e artesanais locais ficam mais em evidência e são mais valorizados.

3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?

Não acredito que os hábitos europeus prevaleçam não. Acho que nossa cultura é uma somatória de todos os acontecimentos passados, então eles tiveram a contribuição deles, mas nossos hábitos são peculiares.

4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

Acredito que é uma mistura das duas coisas, mas a tradição católica não prevalece mais, se não essa festa não seria tão comercial do jeito que é.

Aluno: João Henrique

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?

Ela contribui para aquecer a economia local, pois gera emprego na época em que as Festas acontecem.

2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?

Acho que não diferencia muito não, pois todas essas manifestações giram em torno do capital hoje em dia.

3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?

Bem, alguns hábitos europeus prevaleceram sim, principalmente porque os hábitos caipiras lá do interior foram substituídos por hábitos urbanos e a linguagem também foi alterada e até hoje temos algumas palavras de origem francesa que foram apenas adaptadas.

4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

Eu acho que é pagã, porque não existe mais a questão religiosa envolvida. Tudo gira em torno do consumismo, diversão, dinheiro, etc.

Aluno: Paulo Ferreira

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?

É mostrar para os jovens de hoje os costumes do passado, como viviam as famílias no interior, como viveram nossos antepassados e de onde vêm certos costumes que temos, mas não sabemos a origem.

2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?

O que diferencia é que através da Festa Junina, nós podemos conhecer um pouco da nossa própria história, dos povos que foram escravizados e o que eles faziam para superar a vida que levavam.

3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?

Acho que foi uma fusão muito boa, porque adquirimos outros hábitos e outros elementos que gostamos tanto e talvez não conhecêssemos se não tivesse esse contato com os europeus, como as comidas e brincadeiras, por exemplo.

4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

Acho que é uma mistura das duas coisas, porque a Festa Junina não agrada somente pessoas católicas. Embora haja uma menção aos santos católicos, há também outras questões que não envolvem religião.

Aluno: João Felipe

1. Para você, qual a contribuição da Festa Junina para o cenário social local?

A contribuição é puramente financeira. Promover nossa culinária e artesanato. Não concordo com quem diz que a Festa promove as tradições dos antepassados.

2. O que diferencia a Festa Junina de outras manifestações culturais em sua sociedade?

Não vejo diferença. Acho que tudo visa o lucro financeiro.

3. Para você, a Festa Junina é resultado da fusão de muitas culturas que enriqueceu a sua ou você acha que os hábitos europeus prevaleceram em detrimento dos costumes e tradições culturais da sua região?

Acho que os hábitos culturais da minha região foram ofuscados sim. Porque só valorizam o indígena quando falam da culinária. Existem outras contribuições importantes.

4. Para você, a Festa Junina é cristã ou pagã?

É pagã, porque as pessoas só querem se divertir, beber, ganhar dinheiro em cima das tradições dos índios. Ninguém vê mais o lado religioso da festa não.